

# **CECÍLIA BARREIRA**

Entrevistada por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 1992

**Retrato da mulher burguesa em Lisboa, entre 1890-1930, *História das Nossas Avós* leva-nos a um tempo histórico, com Paris a dominar em todas as frentes. Pesquisa aprofundada, onde se relacionam mentalidades e influências, esta investigação de Cecília Barreira é uma obra de referência, cujo perfil foi traçado por José-Augusto França na sessão de lançamento, no Círculo de Leitores. A autora da *História das Nossas Avós*, professora da Universidade Nova de Lisboa, reivindica um espaço para as (e os) avós, fontes — e pontes — do futuro.**

### **As avós representam o quê no final do século XX?**

São o espelho de um percurso, que se fez desde 1900 até à grande revolução dos anos setenta. Sem conhecermos o trilha das nossas avós é impossível questionar o nosso tempo.

### **Revolução de setenta. E os anos sessenta foram o quê?**

Ao nível internacional, os anos sessenta foram a grande rutura: caminho aberto para a emancipação da mulher e para o repensar da sexualidade até aí muito reprimida.

### **Reprimida ou escondida?**

As duas coisas.

### **Os anos sessenta não mexeram com a mulher portuguesa?**

Mexeram. Começou a participar mais e além da esfera doméstica. Mas 74 é o ano da verdadeira rutura.

### **Abril fez tudo?**

Abriu a tampa a muita coisa amordaçada.

### **Faz ainda sentido falar-se de emancipação?**

Já não terá o mesmo. Deixámo-nos de radicalismos.

### **Não era caricata uma guerra ao homem?**

Talvez. Mas as mulheres já não precisam de odiar os homens para serem mulheres.

### **Há mais maturidade?**

Sem sombra de dúvida! A mulher alia, hoje, a feminilidade (repudiada pelas feministas mais radicais dos anos setenta) com uma grande maturidade pessoal, profissional e afetiva.

### **O «flanco» não foi sempre uma questão cultural?**

Sim e não só. Problema cultural, porque a mulher na família tinha um papel subalterno, e, profissionalmente, o máximo a que ascendia era a escriturária ou a secretária, salvo raríssimas exceções.

**Mas já no princípio do século, o «império francês», da literatura à moda, «revolucionou» a mulher portuguesa. A mulher que diz emancipar-se em 74 sofreu que outras influências?**

A influência dominante em 74 foi a do modelo «utópico» do socialismo de Leste e a do dito socialismo europeu.

**Os anos oitenta viraram a agulha...**

Exato. Os anos oitenta já denunciavam outro tipo de influências mais ligadas aos países ditos capitalistas, à cultura americana e inglesa.

**Para melhor ou pior?**

São modelos distintos. A mulher socialista era mais austera e menos solta do ponto de vista sexual e no seu quotidiano.

**A mulher padrão-ocidental que diferença faz?**

É menos preconceituosa e mais capaz de digerir múltiplas visões do mundo.

**Mas o diálogo entre gerações continua em crise?**

Basta ver os programas de Júlio Machado Vaz. Há estudos que o provam.

**Os mitos não existem?**

Quando se trata de problemas muito íntimos, as barreiras entre gerações são reais e não um mito.

**Di-lo a sua experiência como professora?**

Sim. Os meus alunos (entre os 18 e 23 anos) são muito diferentes do que eu fui com a sua idade. Mas dialogo com eles, mesmo sobre problemas íntimos, se para tanto me solicitam.

## **Não estão muito mais esbatidas as diferenças de mentalidades e as distâncias culturais entre pais e filhos?**

Sem dúvida...

### **Então, que falha?**

Há cada vez mais pais e filhos a dialogar sobre problemas difíceis, mas os estudos de sexólogos e psicólogos revelam, ainda, muita falta de compreensão mútua entre gerações, que tende, no entanto, a diluir-se.

### **Quando o diálogo fracassa, os filhos nunca têm culpas no cartório?**

Olhe, os meus alunos vivem o pânico de atingirem os 25 anos. E pressentem que aos 30 já irão para a sepultura! Talvez isto explique muita coisa.

### **DN - Não será o desgaste total e vertiginoso de viver a juventude pela juventude?**

É, com certeza!

### **A competição feroz tem um preço demasiado elevado?**

Tem. Os jovens querem vencer a todo o custo até aos 20 anos. Porque a juventude é considerada a única idade de ouro. Basta ver o consumismo e as mensagens publicitárias quase exclusivamente centradas nos jovens.

### **É a nova ordem da vida...**

Pois, mas, quando esses jovens chegam aos 30 anos, apercebem-se de que existem outros valores e universos a conquistar.

### **Em termos socioculturais, que se perde nessa vertigem?**

Perdem-se caminhos que poderiam dar outro enriquecimento.

### **Avós ao Poder?**

Nem tanto; avós, sim, no seu espaço próprio, com todo o saber e com o muito que têm para comunicar às novas gerações.

### **O futuro passa por um discurso e mensagem menos alienatórios?**

Passa por um diálogo mais eficaz e abrangente. É preciso que as gerações se tolerem nas suas diferenças. Nem terá de ser o netinho a achar que os avós são jarretas, nem os avós a acharem o netinho completamente doido e fútil.

### **E não há estratégias a colher benefícios do esvaziamento do diálogo?**

Isso há. Os *massmedia* fazem, por vezes, com que o diálogo se não dê, de tal jeito exploram o filão de uma juventude ora perdida ora reencontrada.

© MARIA AUGUSTA SILVA